

A Economia de Comunhão como possibilidade de superação da aporofobia

*The Economy of Communion
as a possibility for overcoming aporophobia*

Marta Chiara e Silva

Resumo

Pensar a realidade da exclusão social em nossa sociedade exige, antes de tudo, deixar-se compadecer pelo sofrimento de milhões de pessoas feridas em sua dignidade. O aumento da *aporofobia* ou aversão ao pobre e o fenômeno da indiferença e falta de reações diante das vítimas agredidas, nos leva a indagar: o que está acontecendo conosco (humanidade)? Qual a raiz profunda da indiferença e aparente falta de consciência de muitas pessoas diante desse cenário social? O Papa Francisco afirma que precisamos repensar nossa forma de vida a fim de entrevermos caminhos alternativos, talvez ainda não imaginados, para restaurar a nossa humanidade ferida, fechada num individualismo arrogante. Diante dessa crise humanitária, não podemos negar que o modo de encarar a atividade econômica é reflexo de como se concebe as relações interpessoais. Se queremos uma sociedade mais justa e fraterna é imprescindível o surgimento de uma economia humanizadora, na qual, a liberdade humana caminha de mãos dadas com a responsabilidade social. É nessa lógica que se enquadra o projeto Economia de Comunhão, expressão da Espiritualidade da Unidade na vida econômica. Nossa reflexão articula o pensamento de alguns autores a fim de oferecer uma palavra teológica que possa contribuir para o diálogo em questão.

Palavras-chave: Aporofobia. Antropocentrismo. Papa Francisco. Economia de Comunhão. Espiritualidade da Unidade.

Abstract

To think about the reality of social exclusion in our society requires, above all, to allow oneself to feel compassion for the suffering of millions of people whose dignity has been wounded. The increase in aporophobia or aversion to the poor, and the phenomenon of indifference and lack of reaction to victims who have been attacked, leads us to ask: what is happening to us (humanity)? What is the deep root of the indifference and apparent lack of awareness of many people in the face of this social scenario? Pope Francis states that we need to rethink our way of life in order to glimpse alternative paths, perhaps not yet imagined, to restore our wounded humanity, closed in an arrogant individualism. In the face of this humanitarian crisis, we cannot deny that the way we approach economic activity is a reflection of how we conceive interpersonal relationships. If we want a more just and fraternal society, it is indispensable the emergence of a humanizing economy, in which human freedom goes hand in hand with social responsibility. This is the logic behind the Economy of Communion project, an expression of the Spirituality of Unity in economic life. Our reflection articulates the thought of some authors in order to offer a theological word that can contribute to the dialogue in question.

Keywords: Aporophobia. Anthropocentrism. Pope Francis. Economy of Communion. Spirituality of Unity.

Introdução

O avanço das inovações tecnocientíficas trouxe inúmeros benefícios para o bem-estar do ser humano e a evolução das sociedades em geral. Contudo, a vida contemporânea evidencia que o desenvolvimento científico e tecnológico desconexo de uma abordagem social, econômica e moral não pode garantir por si só o progresso e a felicidade humana. A utopia moderna do “admirável mundo novo” sustentada pela razão instrumental tem dado sinais do seu grande fracasso, pois o interesse exacerbado pelo capital alinhado ao mais radical individualismo se transformou progressivamente num enorme pesadelo para grande parte da humanidade, onde as sociedades tendem a se tornar cada vez mais degradadas e violentas.

Tempos atrás, a questão ecológica, por exemplo, não existia; agora existe e se tornou um problema de proporções globais a ponto do prolongamento da vida se ver ameaçada sobre o planeta. O uso (e abuso) irresponsável do meio ambiente, decorrente do antropocentrismo desequilibrado da modernidade, trouxe

sofrimentos e desventuras para milhões de pessoas. De tal modo que, por todos os lados, são muitos os gritos que ecoam, gritos multifacetados e dissonantes: grito dos pobres, dos imigrantes e refugiados, dos excluídos e marginalizados, dos invisibilizados e descartados da sociedade, grito da Terra que está “gemendo como que em dores de parto”.¹ Grito, enfim, dos “perdedores da modernidade”.²

As denúncias de crimes contra a natureza, perante a devastação dos biomas, da contaminação do solo, do ar, das águas dos rios e do mar etc.,³ têm despertado a consciência da opinião pública para o cuidado com o meio ambiente, provocando pequenas ou grandes iniciativas por parte de organizações civis e internacionais. E que, de certa forma, tem pressionado os poderes públicos locais, nacionais e internacionais para inserirem a questão ecológica na pauta de suas discussões, exigindo-lhes soluções para esse grave problema que tem se tornado sempre mais insustentável. Alguns passos foram dados nessa direção, embora, na maioria das vezes, a realidade desvele que ainda se está na esfera do discurso e não do compromisso e da ação.

O Papa Francisco em sua encíclica *Laudato si*, sobre o cuidado da casa comum chama a atenção para a necessária ampliação do olhar. Não basta olhar apenas para a questão ambiental, “uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres”.⁴ Pois, a mesma lógica que explora a natureza e a Terra explora também os pobres.

Ao olharmos para as nossas sociedades percebemos claramente que os direitos humanos não são iguais para todas as pessoas. Enquanto uma parte da humanidade vive na abundância, outra parte tem os seus direitos fundamentais violados. O domínio do conhecimento alinhado ao poder econômico nas mãos de poucos aumentou a riqueza, mas a equidade não, gerando suas vítimas diariamente em muitos países do mundo, de modos diferentes, em proporções assustadoras.

A crise é, portanto, socioambiental e tornou-se central nos dias de hoje. Suas consequências nefastas nos obrigam a rever o nosso modo de perceber a realidade a fim de “buscar soluções integrais para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, ao mesmo tempo, cuidar da natureza”.⁵

“Cuidar do mundo que nos rodeia e sustenta, continua Francisco, significa cuidar de nós mesmos. Mas precisamos nos constituir como um ‘nós’ que habita a Casa Comum”.⁶ Sendo assim, recompor o humano em suas relações fundamentais por meio de uma *ecologia integral* se torna um imperativo ético para

¹ LS 2.

² BAUMAN, Z.; DONSKIS, L., Cegueira moral, p. 10.

³ BOFF, L., Ecologia grito da terra, grito dos pobres, p. 122-145.

⁴ LS 49.

⁵ LS 139.

⁶ FT 17.

com o presente, e para com as futuras gerações, “pois a terra que recebemos pertence também àqueles que hão de vir”.⁷

Com essa premissa, desenvolveremos uma breve reflexão sobre o fenômeno do pobre relegado à invisibilidade social, ferido em sua dignidade humana, aspecto de uma crise antropológica, econômica, social e cultural em andamento e cada vez mais difusa em tempos atuais. Contudo, como alega Lúcia Pedrosa-Pádua, “torna-se improdutivo falar de dignidade humana de maneira abstrata, sem rostos concretos e visíveis, pois apenas diante de pessoas ou grupos concretos o respeito ao outro se concretiza”.⁸ Sendo assim, perante uma ordem econômica que continua a promover ricos cada vez mais ricos diante de (ou à custa de) pobres cada vez mais pobres, novos gritos e novos desafios se interpõem. Os meios midiáticos têm evidenciado sempre mais o aumento da intolerância e violência dirigidas, especialmente, às pessoas que se encontram em situações de vulnerabilidade social, vítimas de um sistema de morte, de dominação e poder.

De outra parte, percebe-se também o fenômeno da indiferença e da falta de reações diante das vítimas que sofrem essas agressões. Tudo isso nos leva a indagar: o que está acontecendo conosco (humanidade)? Qual a raiz profunda da indiferença e aparente falta de consciência de muitas pessoas diante desse cenário social?

Nesse contexto, iremos estabelecer um diálogo com o pensamento filosófico, teológico e espiritual de alguns autores e autoras a fim de nos ajudar a compreender que palavra teológica podemos oferecer para contribuir na ampliação do diálogo em questão. Uma palavra que deve ser buscada e construída por todo(a)s, e com todo(a)s, pois, uma única perspectiva, não dá conta de responder a tamanha complexidade.

1. Descaminhos da racionalidade desumana

Adela Cortina, em seu livro *Aporofobia, a aversão ao pobre. Um desafio para a democracia*, aponta para o surgimento de uma nova patologia social, a *aporofobia*, uma realidade cada vez mais evidente em nossos dias e, ao mesmo tempo, desconhecida para maioria das pessoas.

Partindo da observação de fatos cotidianos, a autora desenvolve a compreensão de que há um sentimento enraizado nas muitas fobias sociais existentes (xenofobia, misoginia, homofobia, racismo etc.), denominado por ela de *aporofobia*, a aversão ao pobre, o rechaço a quem não tem recursos e, portanto, não pode oferecer nada em troca, ou, ao menos, parece não poder. Assim, as pessoas que se encontram nessa situação são excluídas, pois não há lugar para elas num mundo construído sobre o contrato político, econômico e social no qual só podem

⁷ LS 159.

⁸ PEDROSA-PÁDUA, L., A opção preferencial pelos pobres diante da aporofobia, p. 1479-1502.

entrar aquelas pessoas que têm algo para oferecer em retorno.⁹ Daí a proliferação dos discursos e crimes de ódio dirigidos a estas pessoas.

Segundo Cortina, a motivação para tais delitos parte da convicção de que há uma relação assimétrica, um sentimento de superioridade, de prepotência de quem despreza para com quem é o objeto de rejeição. Contudo, a questão se torna mais grave porque as vítimas não são selecionadas pela sua identidade pessoal, por terem causado um dano direto ao agressor, mas por pertencerem a um coletivo, dotado de um traço que produz repulsão e desprezo nos agressores. No caso, a vítima é agredida simplesmente pelo fato de ser pobre. Não por ser “*este* pobre”, mas por ser “*um* pobre”. O que leva a autora a concluir que, a chave do ódio não reside no coletivo desprezado, e sim em quem odeia.¹⁰

Assim, num mundo que condena a pobreza como culpa dos próprios pobres, as portas da consciência se fecham, condenando-os mundialmente à invisibilidade.¹¹ No entanto, a pobreza econômica involuntária não é traço da identidade de uma pessoa, alega Cortina, nem é uma questão de opção; esse tipo de pobreza, ao invés, impossibilita o exercício da liberdade para realizar os planos de vida que uma pessoa deseja para si.¹²

Com a ajuda da neurociência, Cortina detecta que a *aporofobia* tem raízes biológicas. Nosso cérebro é aporófobo, rejeitamos naturalmente aqueles que perturbam, causam insegurança, incômodo ou que pode nos trazer problemas. Contudo, o fato de ter uma predisposição para tal, afirma Cortina, não implica estar determinado para agir assim, pois o nosso cérebro possui uma enorme plasticidade que nos permite moldá-lo ao longo da vida; ademais, existem nele outras tendências universais, tais como a capacidade de cuidar dos outros, que podem nos ajudar a reduzir e até superar essas fobias.¹³

Cortina aponta o respeito ativo à dignidade das pessoas e o cultivo da compaixão como caminhos para superação desse mal. “O reconhecimento da igual dignidade e a compaixão são duas chaves de uma razão cordial e são inegociáveis para superar esse mundo de discriminações inumanas”.¹⁴ Sem essa consciência da igualdade, a dignidade das pessoas será inevitavelmente violada, o que inviabilizará o decurso de um mundo mais justo. Mas, para isso, será necessário o concurso da educação formal e informal alinhadas à construção de instituições políticas, econômicas, sociais que abracem esse ideal e caminhem nessa direção.

Mas, que tipo de ser humano estaria predisposto para desenvolver em si essa racionalidade cordial da qual Cortina propõe?

⁹ CORTINA, A., Aporofobia, a aversão ao pobre, p. 18-19.

¹⁰ CORTINA, A., Aporofobia, a aversão ao pobre, p. 34. 40-41.

¹¹ CORTINA, A., Aporofobia, a aversão ao pobre, p. 26.

¹² CORTINA, A., Aporofobia, a aversão ao pobre, p. 48-49.

¹³ CORTINA, A., Aporofobia, a aversão ao pobre, p. 86.

¹⁴ CORTINA, A., Aporofobia, a aversão ao pobre, p. 31.

2. Caminhos para uma racionalidade humana integrada e integral

Garcia Rúbio (2001), em sua reflexão sobre o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs, apresenta um paradigma antropológico partindo da noção de pessoa articulada em suas dimensões de *imanência*, a pessoa em si mesma, e de *transcendência*, de abertura a Deus, aos outros seres humanos e ao cosmos.

Na dimensão da *imanência* a pessoa se autopertence, é chamada a ser livre e responsável, e possui um fim em si mesma. Assim sendo, qualquer forma de escravidão, manipulação, instrumentalização, é um atentado direto contra a sua dignidade; e este tipo de ação desumaniza tanto as vítimas que padecem por tais delitos como aqueles que os praticam. Cada pessoa humana, pelo simples fato de existir, é “única, insubstituível, irrepetível e merecedora de todo respeito”.¹⁵

Mas, isso não é tudo! A pessoa só pode ser ela mesma quando se *autotranscende*, sai do seu isolamento e, se abre para o mundo unindo-se às outras criaturas numa solidariedade fundamental; se abre para os outros no encontro eu-tu; e se abre para Deus numa relação dialógica. Assim, toda pessoa é única, mas em relação e o seu processo de crescimento e amadurecimento se realiza na medida em que ela é capaz de estabelecer uma dinâmica integradora entre essas dimensões.¹⁶ Pois, na visão cristã, a pessoa tendo sido criada a imagem de um Deus-Comunidade, a realização da sua humanização está intrinsecamente orientada para esse encontro-relação.

Contudo, o ser humano, imerso em um horizonte antropológico dualista, herdado da antropologia neoplatônica e radicalizado pela antropologia cartesiana, se autopercebe internamente em contínua divisão, ruptura. No ser humano, a alma e o corpo coexistem em conflito. O corpo é simplesmente matéria espacial, substância extensa, enquanto a alma ou espírito ou consciência é uma substância pensante. Por conseguinte, não se autopercebendo como um ser harmonioso e ordenado, o ser humano tende a viver as suas dimensões de *imanência* e *transcendência*, em chave de *oposição-exclusão*. As consequências desta visão antropológica são notórias, fechando-se em si mesmo o ser humano precipita-se num individualismo estéril com suas sequelas de dominação e opressão, passando a perceber o outro e o mundo que o circunda como propriedade, instrumento ou objeto de descarte.¹⁷

E o caminho para a superação desse dualismo, continua Garcia, consiste em *integrar-incluir* todas essas dimensões positivas, que se entrecruzam e se complementam, no interior da própria estrutura mental da pessoa, aonde a relação

¹⁵ RUBIO, A. G., Unidade na Pluralidade, p. 308-309.

¹⁶ RUBIO, A. G., Unidade na Pluralidade, p. 310-312.

¹⁷ RUBIO, A. G., Unidade na Pluralidade, p. 95-113.

de *oposição-exclusão* deve desaparecer.¹⁸

Porém, integrar o humano em todas as suas dimensões e relações fundamentais não é tarefa simples, se configura como um grande desafio pastoral e teológico. Pois, o paradigma moderno nos apartou dessa relação fundamental. E para superar os dualismos nos quais fomos formados é necessário provocar a desconstrução de alguns conceitos internalizados em nós, tais como, o conceito de indivíduo separado do conceito de comunidade.¹⁹

São ideias que, muitas vezes, norteiam a nossa reflexão, ações e visão de mundo. O ponto nevrálgico consiste, justamente, no individualismo arrogante gestado pela modernidade, no qual a pessoa se autopercebe separada, esquecendo que ela só existe porque o coletivo existe. Uma das formas para caminharmos em direção à integração plena é perceber que há uma relação dialógica presente em tudo e em todos, e educar-nos para não nos apartarmos dessa visão.

O Papa Francisco, atento a essas questões, fez ecoar o seu grito profético dirigido não somente aos cristãos, mas a todas as pessoas de boa vontade ao afirmar que os graves problemas ecológicos e sociais são resultado do egoísmo humano. Assim sendo, Francisco, apresenta a *ecologia integral* como um caminho universal para se pensar o humano integrado em suas relações fundamentais.

3. Ecologia integral: novo paradigma para o humano e sua humanização

A crise socioambiental, oriunda do paradigma moderno do poder-dominância sobre tudo e sobre todos, denuncia uma patologia crônica, um mal profundo enraizado no coração humano ferido pelo pecado,²⁰ afirma Francisco. Quando o ser humano se fecha em sua subjetividade e se isola na própria consciência corre o risco de cair nas armadilhas do autoengano, ao autoperceber-se como senhor e dono de tudo o que existe.²¹

As palavras do Papa Francisco, em seus vários documentos,²² denunciam as falácias do paradigma vigente ao promover a *cultura do descarté*, na qual, a natureza se torna objeto e lugar de desfrute e onde os excluídos do sistema se tornam resíduos, “sobras”.²³ Esse paradigma devastador dissemina a *globalização da indiferença* e, sem nos darmos conta, afirma Francisco, tornamo-nos insensíveis, incapazes de nos compadecer perante o sofrimento alheio, nem nos

¹⁸ RUBIO, A. G., Unidade na Pluralidade, p. 111.

¹⁹ COSTA, R. F.; BRASILEIRO, E., O Bem Viver, p. 192-194.

²⁰ LS 2.

²¹ LS 204.

²² EG; LS; FT; QA.

²³ EG 53.

interessarmos por cuidar deles. E, assim, deixamos que o mundo, à nossa volta, aconteça aparentemente sem a nossa interferência.²⁴

Para superar essa mentalidade, o Papa, convida todos a uma profunda conversão interior, uma *conversão ecológica* e *comunitária* para vivermos a nossa vocação comum, a vocação para a qual toda humanidade foi chamada: a de sermos administradores e administradoras, guardiões e guardiãs da obra de Deus, irmãos e irmãs, filhos e filhas de um único Pai.²⁵ Mas, a consciência da gravidade da crise cultural, ética, ecológica e social precisa traduzir-se em um novo estilo de vida, em um outro modo de habitar a Casa Comum e para isso ele nos convida a passar da atitude de dominar e saquear, para a de cultivar e proteger. Passar do consumismo para a sobriedade feliz.²⁶

Propõe, ainda, uma outra liberdade, fundada sobre a consciência de uma comunhão universal, que tem no cuidado dos outros e do meio ambiente sua atitude fundamental. E esse cuidado vai ter como destinatário primordial os pobres, pois os efeitos mais graves das agressões ambientais recaem sobre eles.²⁷ Se não somos capazes de reconhecer o grito dos pobres, tampouco seremos capazes de reconhecer o grito da natureza. “Tudo está interligado”.²⁸

A *ecologia integral*, proposta por Papa Francisco, na *Laudato si*, se apresenta como novo paradigma para se pensar o humano e a humanização, porque articula e incorpora ambiente, economia, sociedade, cultura, vida cotidiana, orientando-os ao bem comum e a justiça entre as gerações.²⁹

É um grande desafio! Mas, as coisas podem mudar, afirma o Papa. Pois, “Deus não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos”.³⁰ “Não fiquemos à margem desta marcha da esperança viva!”³¹

Sim, essa disposição parece ser fundamental para repensarmos nossa forma de vida e nossas relações a fim de entrevermos caminhos alternativos, talvez ainda não imaginados, para restaurar a nossa humanidade ferida, autocentrada em si mesma. Diante do contexto histórico atual, não podemos negar que o modo de encarar a atividade econômica é reflexo de como se concebe as relações entre as pessoas. Então, se queremos uma sociedade mais justa e mais fraterna se torna imprescindível o surgimento de uma nova economia humana e humanizadora, na qual, a liberdade humana caminhe de mãos dadas com o compromisso solidário e a

²⁴ EG 54.

²⁵ LS 217. 219.

²⁶ LS 209.

²⁷ LS 48.

²⁸ LS 117.

²⁹ LS 137-162.

³⁰ LS 245.

³¹ EG 278.

responsabilidade comunitária e social. É nessa lógica que se enquadra a experiência do projeto Economia de Comunhão que nasceu no Brasil, em 1991, e que se espalhou mundo afora.

4. A lógica da comunhão e da partilha

O projeto Economia de Comunhão (EdC)³² na liberdade, expressão da Espiritualidade da Unidade³³ na vida econômica, surgiu como uma experiência que se coloca ao lado das numerosas iniciativas individuais e coletivas que procuram “humanizar a economia”.

Ao se deparar com a dramática realidade social latino-americana, Chiara Lubich vê a realidade que a circunda, “ouve o grito” das inúmeras pessoas que vivem em situação de extrema pobreza a poucos metros dos edifícios suntuosos da cidade de São Paulo; percebe a força destruidora do sistema capitalista que corrompe as relações, e entende que algo precisa ser feito. Ela acredita, sobretudo, na força da comunhão de bens materiais³⁴ vivida pelos membros dos Focolares no Brasil e vê nela uma resposta para esta necessidade urgente de fraternidade. Olha para “além” da realidade e vê que a comunhão pode fazer “ressurgir” a economia e a sociedade.³⁵ Não se trata de um olhar idealista que ignora os desafios tampouco um olhar resignado e pragmático.

Assim sendo, com uma visão carismática e original, Chiara convida a revitalizar a comunhão de bens entre os membros dos Focolares e a dilatá-la em vasta escala, sobre todo o corpo social. Desse modo, ela propõe a criação de empresas a fim de produzirem riquezas com o objetivo de reduzir a pobreza. E aqui está a novidade: o lucro deveria ser posto em comum. O propósito pelo qual o lucro deve ser posto em

³² A proposta da Economia de Comunhão nasceu de uma intuição de Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, em visita ao Brasil, em maio de 1991. Ao se deparar com o enorme contraste social da cidade de São Paulo, com seus imensos edifícios circundados por um mar de casas paupérrimas, Chiara fica perplexa com tudo o que vê. É a famosa “coroa de espinhos”, como o Cardeal Arns definiu as inúmeras *favelas* que circundam a cidade. A realidade que encontra é realmente dramática, milhares de famílias vivem pelas ruas, sobre as calçadas. O impacto é fortíssimo. Nos dias seguintes, encontra os membros dos Focolares no Brasil, para escutá-los, dialogar com eles, ver, perceber a realidade com os “olhos deles”. A partir daí e na escuta atenta do Espírito Santo amadurece nela uma nova visão para a economia (LUBICH, C., *O Carisma da unidade e a economia*, p. 350).

³³ Espiritualidade da Unidade é o carisma que anima o Movimento dos Focolares. Maiores informações podem ser vistas no site do Movimento dos Focolares.

³⁴ A vivência da comunhão dos bens está na origem dos Focolares, onde, desde então, se pratica uma partilha contínua, sistemática e organizada, estimulada pelo desejo de viver o Evangelho e de promover uma sociedade mais justa, mais humana, mais fraterna (LUBICH, C., *Como um arco-íris*, p. 23-39).

³⁵ BLAUMEISER, H. et al., *Uno sguardo sulla realtà*, p. 152-153.

comum, afirma Chiara, é o mesmo a que se propunha a primeira comunidade cristã: “e não havia entre eles necessitado algum” (At 4,32-34).

Assim, na ideia de Chiara, uma parte dos lucros seria destinada para os pobres, para dar-lhes sustento, enquanto não conseguissem um trabalho. Outra parte, seria destinada para a formação cultural de “homens novos” (Ef 4,24),³⁶ ou seja, pessoas formadas e animadas pelo amor evangélico, capazes de viver a “cultura da partilha”, porque sem “homens novos”, não se forma uma sociedade nova. E a terceira parte seria destinada para desenvolvimento da empresa.³⁷

A EdC propõe comportamentos inspirados na gratuidade, solidariedade e na atenção para com os excluídos e o meio ambiente. Esse projeto não se apresenta como uma nova forma de empresa, alternativa às que já existem, mas pretende transformar intimamente as estruturas habituais das empresas, orientando todas as suas relações internas e externas (com funcionários, consumidores, fornecedores, concorrentes, comunidade local e internacional, administração pública etc.) segundo um estilo de vida de comunhão; viver e difundir a “cultura da partilha”, da paz e da lealdade, do cuidado com o meio ambiente.³⁸

E mais, os pobres, os destinatários de uma parte dos lucros, não são considerados simplesmente “assistidos” ou “beneficiados” da EdC. São, sim, partes essenciais do Projeto, enquanto doam aos demais suas próprias necessidades. E, desse modo, eles também vivem a “cultura da partilha”. De fato, muitas dessas pessoas renunciam ao auxílio que recebem tão logo recuperam um mínimo de independência econômica e, muitas vezes, partilham com outros mais necessitados que elas, o pouco que possuem.³⁹ Na EdC, a ênfase, na verdade, não é posta na filantropia por parte de alguns, mas, antes, na partilha, na qual cada um dá e recebe com igual dignidade.⁴⁰

Neste ponto, percebe-se que a visão de Chiara se contrapõe ao jogo da reciprocidade estabelecido pela racionalidade do contrato, a qual, não sendo movida pela preocupação permanente de atender os excluídos do jogo da troca, do jogo de dar e receber, não leva em conta os pobres, é excludente.⁴¹ A reciprocidade à luz da racionalidade de comunhão, ao invés, considera e inclui os pobres, eles são membros essenciais ativos do projeto, também eles vivem a cultura da partilha, enquanto doam aos demais as próprias necessidades.

Uma proposta inovadora, audaciosa. Romântica? Utópica? Será que existe tal protótipo de ser humano, capaz de tamanha abertura para o outro? Capaz de tamanho desprendimento de suas conquistas materiais a ponto de doá-las para um desconhecido,

³⁶ “Homens novos”, expressão paulina.

³⁷ LUBICH, L., L’*economia di comunione*, p. 11-16.

³⁸ LUBICH, C., *O Carisma da Unidade e a economia*, p. 349-351.

³⁹ Maiores informações acessar ao site do Projeto Economia de Comunhão (EdC).

⁴⁰ LUBICH, C., *A experiência Economia de Comunhão*, p. 17-18.

⁴¹ CORTINA, A., *Aporofobia, a aversão ao pobre*, p. 174.

sem fazer acepção de pessoas? As respostas a essas perguntas não são fáceis e, certamente, não são unânimes. A racionalidade do contrato parece dizer que não.

Contudo, seria precipitado assumir tal posicionamento se não levássemos em consideração o esforço cotidiano das pessoas/empresas que aderiram e apostam no projeto, na ideia de comunhão,⁴² não obstante as inúmeras dificuldades que elas têm de superar para se manterem leais ao propósito originário. E, muitas vezes, acreditar contra toda esperança.

Esse fato demonstra que há um universalismo nessa proposta, e que está impresso no coração humano, em cada um de nós reside esse potencial. A fé cristã professa que fomos criados a imagem de um Deus-Comunidade e a realização da nossa humanização está intrinsecamente orientada para o encontro-relação, para a abertura, para a doação. Por isso, partindo desse pressuposto, é possível pensar que existem pessoas que concebem e vivem a própria vida e atividade econômica como algo mais amplo e diferente da pura busca de um benefício material ou de uma vantagem pessoal.⁴³ Um humano que é sensível ao sofrimento alheio que escuta e procura dar resposta ao grito dos pobres e de sua própria libertação.

Mas, como bem pontuou Chiara, tal façanha é realizável por quem, no exercício cotidiano da sua liberdade, se abre para a fraternidade universal, e faz do Evangelho o seu código de vida. Pois, sem “homens novos”, não há sociedade nova, não há mundo novo, não há justiça duradoura, não há liberdade “livre” e responsável nem paz social.

Sabemos que o Evangelho é a força dos pobres e que o Evangelho liberta os ricos do peso e das preocupações das riquezas. Levando-os a viver o mandamento do amor, sem que se faça qualquer revolução violenta, doam o que têm ou partilham os seus bens com os outros.⁴⁴

O espírito que anima a EdC e a sua proposta de atuação parece estar em sintonia com as considerações tecidas em nossa reflexão. Os nossos interlocutores em seus confrontos com a realidade apontaram caminhos para superação do paradigma vigente: 1) Integrar o ser humano em todas as suas dimensões e relações fundamentais a fim de superar a mentalidade de *oposição-exclusão*.⁴⁵ 2) Criar instituições que eliminem a pobreza e reduzam as desigualdades é a melhor maneira de a economia ajudar a erradicar a aporofobia.⁴⁶ 3) Adquirir a consciência

⁴² A este projeto já aderem 654 empresas e 91 atividades produtivas menores, que atuam em vários setores econômicos, em mais de 30 países do mundo (LUBICH, C., O Carisma da Unidade e a economia, p. 348-349).

⁴³ LUBICH, C., O Carisma da Unidade e a economia, p. 349.

⁴⁴ LUBICH, C., O Carisma da Unidade e a economia, p. 340.

⁴⁵ RUBIO, A. G., Unidade na Pluralidade, p. 10.

⁴⁶ CORTINA, A., Aporofobia, a aversão ao pobre, p. 169.

de uma origem comum, de uma fraternidade universal, e de um futuro partilhado por todos, quando o coração está verdadeiramente aberto a uma comunhão universal, nada e ninguém fica excluído desta fraternidade.⁴⁷ Apontar para outro estilo de vida, através de uma *conversão ecológica e comunitária*. Revalorizar o amor na vida social, nos planos político, econômico, cultural, fazendo dele a norma constante e suprema do agir humano.⁴⁸

Mas, bem sabemos que há um limite no nosso fazer, e que a realização plena do desejo sincero de construir um mundo mais justo, mais fraterno, não é nossa, é do próprio Deus. Pois, não seríamos capazes de realizar tamanha façanha entregues, apenas, a nossa boa vontade e desejo sincero. Por isso, como rezou Papa Francisco, é necessário pedir a intervenção do céu para “tocar a sensibilidade dos poderosos porque, apesar de sentirmos que já é tarde, somos chamados a salvar o que ainda vive”.⁴⁹

Conclusão

A revitalização do amor na vida social, política, econômica, cultural pressupõe uma transformação das estruturas para que, ao invés, delas produzirem o mal, produzam o bem e a justiça. Contudo, não adianta mudar as estruturas se não mudar o coração e a mentalidade humana, mas também não adianta mudar o coração e a mentalidade humana se não mudar as estruturas, porque as estruturas que temos são aquelas que formam a maneira como nós pensamos e agimos. Então, essa transformação traz implicações para o viver, para o agir, para o pensar, para o atuar humano.

Pensar a realidade das pessoas excluídas em nossa sociedade, em perspectiva teológica, exige, antes de tudo, deixar-se sensibilizar, compadecer pelo sofrimento de milhões de pessoas feridas em sua dignidade, bem como reconhecer seus talentos, contribuições, possibilidades. Exige o amor à sociedade/humanidade e o compromisso pelo bem comum, uma forma eminente de caridade. Não é uma tarefa fácil, mas que pode ser tecida comunitariamente em “simples gestos cotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo”, como afirma Papa Francisco.⁵⁰

Exige também iniciativas no campo econômico que “como um grão de mostrada” (Mt 13,31-58) fazem germinar silenciosamente a cultura de uma civilização do amor, pois nos sistemas dominantes sempre há interstícios, brechas onde a Vida pode pulsar.

⁴⁷ LS 92.

⁴⁸ LS 231.

⁴⁹ QA 111.

⁵⁰ LS 230.

Assim, em lugar dos braços cruzados da indiferença e dos discursos e crimes de ódio, dirigidos aos pobres, os desvalidos e invisibilizados da sociedade, somos chamados a oferecer ao mundo os braços abertos da fraternidade... Ninguém pode enfrentar a vida sozinho, precisamos da ajuda, do apoio de alguém, de uma comunidade e dentro da qual nos ajudarmos mutuamente. Precisamos, nos descobrir novamente irmãos e irmãs, habitantes da mesma Casa Comum.

Tudo isso nos leva a inferir que não podemos nos esquivar da nossa responsabilidade ética como cuidadores do humano, mas também de toda a Criação, sobretudo, em seus seres mais fragilizados, excluídos, marginalizados.

Escutar o grito dos pobres e o grito da terra, e agir de consequência, humaniza a nossa humanidade, pois nos ensina a abrir o coração para a dinâmica do amor ágape, aquele amor que nos faz desacelerar o passo para estender a mão a quem está caído à beira do caminho, a ser voz de esperança para aqueles que já não conseguem mais esperar.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. **Cegueira Moral**: a perda da sensibilidade na modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2016.

BLAUMEISER, H. et al. Uno sguardo sulla realtà. In: BLAUMEISER, H.; ROSSI, M. A. (Orgs.). **Resurrezione di Roma**: Dialoghi interdisciplinari su città, persona e relazioni a partire da un testo di Chiara Lubich. Roma: Città Nuova Editrice, 2017. p. 128-162.

BOFF, L. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CORTINA, A. **Aporofobia, a aversão ao pobre**: um desafio para a democracia. São Paulo: Contracorrente, 2020.

COSTA, R. F.; BRASILEIRO, E. O Bem Viver: caminho para uma mística libertadora. In: GUIMARÃES, E.; SBARDELLOTTI, E; BARROS, M. (Orgs.). **50 anos de Teologias da Libertação**: Memória, revisão, perspectivas e desafios, p.189-205. v.II.

ECONOMIA de comunhão. Disponível em: <<https://www.edc-online.org/br/>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica Laudato Si**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia***. São Paulo: Paulinas, 2020.

LUBICH, C. **Como um arco-íris**: Aspectos concretos da vida do Movimento dos Focolares. São Paulo: Cidade Nova, 2016.

LUBICH, C. O Carisma da Unidade e a economia. In: VANDELEENE, M. (Org.). **Chiara Lubich Ideal e Luz**: Pensamento, espiritualidade, mundo unido. São Paulo: Brasiliense / Cidade Nova, 2003. p. 331-359.

LUBICH, C. **L'economia de comunione**: Storia e profezia. Roma: Città Nuova Editrice, 2001.

LUBICH, C. A experiência Economia de Comunhão: da Espiritualidade da Unidade, uma proposta de agir econômico. In: BRUNI, L. (Org.). **Economia de Comunhão**: uma cultura econômica em várias dimensões. São Paulo: Cidade Nova, 2002. p. 13-19.

MOVIMENTO dos focolares. Disponível em: <<https://www.focolare.org/chiamo>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

PEDROSA-PÁDUA, L. A opção preferencial pelos pobres diante da aporofobia: reflexões antropológicas para uma atualização da opção de Puebla. **Horizonte**, v.17, n.54, p. 1479-1502, set./dez. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/21128>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

RUBIO, A. G. **Unidade na Pluralidade**: O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001.

Marta Chiara e Silva

Mestranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: silva.martachiara@gmail.com

Recebido em: 22/07/2022

Aprovado em: 31/01/2023